

FOTOS ARQUIVO HOJEEM DIA



Milton Nascimento emocionou a platéia em Ouro Preto ao receber os amigos Ron Carter e Wayne Shorter em noite memorável que animou a Praça Tiradentes

JAZZ/RETROSPECTIVA

Festivais apostaram na ousadia e invenção dos sons

'Tudo É Jazz', em Ouro Preto, firma-se no calendário internacional

ALÉCIO CUNHA
REPÓRTER

O jazz e a música instrumental marcaram fértil presença em 2008. A consolidação do festival "Tudo É Jazz", em Ouro Preto, com uma belíssima homenagem a Milton Nascimento, com a presença do próprio ao lado dos amigos Ron Carter e Wayne Shorter, em plena Praça Tiradentes, serve de mote para que esta efervescência não deixe de mostrar suas múltiplas facetas.

Em Belo Horizonte, o "Jazz Festival", no Palácio das Artes e o "Savassi Festival", promoção do Café Com Letras, abrilhantaram ainda mais esse cenário. Os shows de Michel Legrand, no Freeggells, e de Madeleine Peyroux, no Palácio das Artes, também foram memoráveis, assim como o projeto "Música no Museu", no Museu da Pampulha, baluarte da valorização da música instrumental em Minas Gerais.

No Savassi Festival, quem

roubou a cena foi o pandeirista norte-americano Scott Feiner, numa das melhores apresentações do evento, que teve ainda a força do sax do mineiro Chico Amaral e a revelação da world music e do jazz bem caipira do grupo belo-horizontino Toçaingá.

Em Ouro Preto, o show de Bituca foi marcado pela emoção. Sete mil pessoas lotaram a Praça Tiradentes, como há muito não se via. Todos querendo ouvir a música de Milton Nascimento, atração de encerramento da sétima edição do festival «Tudo É Jazz». A platéia, plural, foi mistura fina. Turistas estrangeiros e brasileiros, estudantes, crianças, idosos e, claro, muitos músicos aguardaram a chegada de Bituca.

Um pouco antes, a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, competentemente regida pelo maestro Sílvio Viagas, brindou o público com belo concerto calçado no repertório de Bituca. Outros músicos e cantores tiveram participações especiais. Júlia Ribas cantou «Raça», ponto alto da homenagem, que contou, ainda, com nomes como o Trio Amaranto, Anthonio, Kadu Vianna, Pedro Moraes e Marina Machado.

O acordeonista Renato Borghetti também incrementou o tributo, sobretudo, no diálogo com o pianista e maestro Túlio Mourão, uma participação pra lá de especial. No final, todos cantaram «Fé Cega, Faca Amolada».

Um problema técnico no gerador, em pleno palco, estrategicamente instalado em frente ao Museu da Inconfidência, atrasou o show em mais de uma hora. Um pouco antes, o secretário de Estado de Cultura, Paulo Brant, irmão de Fernando, um dos principais parceiros de Milton, foi vaiado quando subiu ao palco para anunciar a chegada do intérprete. Às 19h45, Milton apareceu e a platéia



Scott Feiner e seu pandeiro contagiaram o Savassi Festival



Michel Legrand trouxe seu piano plural ao Freeggells Music

foi ao delírio. A Praça cantou «Nos Bailes da Vida» e «Cravo e Canela», esta última a senha para que o jazz, sorrateiro, mostrasse suas garras.

Milton convidou o saxofonista norte-americano Wayne Shorter. Não escondeu a emoção. Falante, elogiou o músico. «Ele foi responsável por tornar conhecida Minas no mundo, o grande culpado pela minha carreira internacional», derramou-se. Começaram a tocar juntos. Shorter, nos sopros, abrasivo como sempre, arrasou. A banda de Milton é uma senhora cozinha: Wilson Lopes (guitarra e violão), Lincoln Cheib (bateria), Kiko Continentino (teclados), Gastão Villeroy (baixo), Widor Santiago (sopros) e Marco Lobo (percussão). Do álbum «Native Dancer», lançado nos Estados Unidos, em 1975, Bituca e Wayne tocam «Tarde» e «Liliã».

Milton proseou de novo com a platéia. Agradeceu aos parceiros Fernando Brant, Márcio Borges, Ronaldo Bastos e «os outros». Chamou ao

palco o jovem pianista carioca Pedro Bernardo, 16 anos, seu mais novo afilhado musical, descoberto por ele numa quadra de escola de samba tocando...cavaquinho.

O jovem domou o aparente nervosismo e a timidez ceceu lugar a ímpeto arrebatador. Shorter contemplou o pianista, boquiaberto com sua interpretação de «Ana Maria», composta pelo saxofonista para sua mulher portuguesa. Em 1975.

Animadíssimo, o intérprete, feliz por mostrar a todos que é um genuíno cantor de jazz, chamou ao palco «o maior contrabaixista do mundo», o também norte-americano Ron Carter. Com Carter e Shorter ao seu lado, Milton delirou. Em alguns momentos, ficou parado ao lado deles, só observando a destreza - poesia da técnica - fruto do talento de dupla que já escreveu seu nome na história jazzística universal.

Desfilando seu rosário de sucessos, casos de «Vera Cruz», «San Vicente», «Ponta

de Areia» e «Encontros e Despedidas», Milton Nascimento criou um raro clima de interação com aquela que, certamente, foi uma das platinas mais ecléticas de sua longa carreira, iniciada na década de 1960 como crooner de conjuntos de baile, em Três Pontas, Sul de Minas. Enérgico, hábil, feliz, Bituca parecia reencarnar o crooner daqueles tempos adolescentes.

Sua voz única, o talento elementar, o timbre cristalino integravam uma sinfonia natural, ornada pelas montanhas que circundam a velha Vila Rica. Renovada pelo fôlego de um cantor que soube se reinventar, driblando, carlosdrummondianamente, muitas pedras pelo caminho.

O final do show, que durou mais de duas horas de impecável apresentação, foi arrebatador. O eco de «Maria, Maria», com direito a improvisos de Shorter, Carter e, claro, dos músicos da banda de Milton, pareceu desafiar a acústica natural da Praça Tiradentes, agora, amplo coral. Abraçados, Carter, Shorter e Milton receberam a energia da platéia. O calor, àquela altura dos acontecimentos, era duplo: metáfora, tão humana, de afetos, e ambiental, suor senegalês. Ouro Preto estava abafada, quente, muito quente, anos-luz do frio que a tornou conhecida mundo afora.

Os shows do "Tudo é Jazz" foram marcados pela pluralidade. No Parque Metalúrgico, onde ocorreram os shows pagos, a noite dos trios, européia por excelência, foi abrasiva. Na primeira apresentação, o pianista israelense Yaron Herman demonstrou rara habilidade técnica, embora seu show tivesse sido menos empolgante do que os posteriores.

Destacou-se o contrabaixista Matt Brewer, embora muitos na platéia, como o curador do festival Ivan Monteiro preferissem o baterista francês Gerald Cleaver.

A segunda apresentação foi fantástica. O pianista sérvio Bojan Z, influenciado por nomes que vão do tecladista Jon Lord, do Deep Purple, a Joe Zawinul (Weather Report), mostrou um trabalho essencialmente autoral e criativo. Demonstrando pura sintonia com o baixista francês Thomas Bramerie e o baterista holandês Martijn Vink, Bojan chamou a atenção com um instrumento lúdico, criado por ele, um teclado metamorfoseado em guitarra.

Nascido em Belgrado e morando na França há mais de 15 anos, Bojan Z apresentou músicas de seu álbum 'Xenophonia', como a performática 'CD Rom', inspirada no filme 'A Vida de Brian', do grupo inglês Monthly Python.

Em entrevista ao HOJE EM DIA, após o show, quando se deliciava com uma caipirinha, Bojan Z contou que o instrumento que causou frisson durante sua apresentação é fruto de uma aposta com seu irmão, que é guitarrista. "Tudo começou com uma brincadeira. Eu apostei que iria transformar o piano em uma guitarra e ganhei. Eu me importo com este lado lúdico da música. Jazz é, antes de mais nada, invenção", afirma. Bojan Z não esconde a felicidade de poder tocar pela primeira vez no Brasil. "Estou muito contente, sonhava em estar aqui", conta.

O terceiro show da noite dos trios empolgou a platéia. Os multi-instrumentistas franceses do Hadouk Trio conquistaram o público pelo carisma, em especial o flautista Didier Malherbe. Enchendo as bochechas como Dizzy Gillespie e transformando o pião em instrumento percussivo, ele arrasou, assim como seus companheiros Loy Ehrlich e Steve Shehan. O som do grupo, pluriétnico, mistura melodias marroquinas e percussão argelina.

O encerramento foi em grande estilo com a performance irretocável do saxofonista francês Michel Portal, linda viva do jazz em seu país. Antes de começar o show, ele reclamou, em silêncio, atrasando a apresentação em dois minutos, devido ao vazamento de som, vindo dos camarotes. ☛



O arrojado pianista sérvio Bojan Z mesclou jazz e metal em sua apresentação ouro-pretana